

NO RODAPÉ DOS JORNAIS: CASOS DO ROMANCE-FOLHETIM

Lúcia Granja*

Resumo: Este capítulo investiga algumas adaptações feitas nos textos publicados originalmente nos *bas de page* dos periódicos franceses, os quais foram, um pouco mais tarde, traduzidos, nos jornais brasileiros do XIX. Discutiremos aqui, por meio de dois romances folhetins de Alexandre Dumas, os critérios da publicação, as modificações operadas e as possíveis leituras que podemos fazer das novidades que o processo de recriação do folhetim francês em terras brasileiras estabeleceu. Igualmente, discutiremos o papel que o *bas de page* teve no desenvolvimento do gênero “crônica” no Brasil. Assim sendo, as indagações a respeito do “espaço” são a maior preocupação deste texto, uma vez que critérios editoriais e tipográficos determinaram, por exemplo, que dois textos de gêneros diferentes compartilhassem o mesmo espaço; ou, ainda, que o romance-folhetim fosse interrompido de maneira diversa em relação ao original francês. Essa flexibilidade do *bas de page*, onde era possível a coexistência de textos de natureza diferente — críticos, imaginários, *faits divers* —, será pensada como uma das principais razões para o desenvolvimento da crônica como um gênero literário no Brasil.

Palavras chave: Gêneros literários. Literatura e jornalismo. Alexandre Dumas.

Ao longo do século XIX brasileiro, o romance-folhetim, principalmente traduzido das páginas dos jornais ou dos volumes franceses, esteve presente no rodapé dos periódicos brasileiros de forma significativa. “Por que o sucesso [do romance-folhetim] em longínquas plagas, onde não existe ainda a cidade grande, de uma fórmula tão ligada a certo momento social francês, europeu”, perguntou-se anteriormente Marlyse Meyer.¹ E o testemunho de José de Alencar em *Como e por que sou romancista* ajudou-nos a compreen-

* UNESP

¹ Marlyse MEYER, *Folhetim: uma história*, p. 33.

der que, nos serões familiares, mesmo antes da chegada do folhetim, liam-se os romances românticos, as “moderníssimas novelas”.² Dessa forma, na França, mas também no Brasil, a fórmula inventada por Émile de Girardin para *La Presse*, com objetivo de expandir comercialmente o jornal, teve sucesso, pois “já respondia a hábitos adquiridos de leitura ou audição de ficção. E se no Brasil o folhetim ‘pegou’ tão bem foi porque encontrou terreno favorável: às leituras tradicionais tinham sucedido as ‘galantes novelas todas traduzidas do francês’ (...)”.³

Marlyse Meyer foi sem dúvida a pioneira nos estudos da “acomodação” do romance-folhetim francês no Brasil e de sua relação com o desenvolvimento de uma ficção “brasileira” nos jornais. No entanto, ainda é possível estudar a transferência do folhetim-variedades da França ao Brasil, pensando nas particularidades desses processos, produzidas certamente a partir de trocas culturais.

Nesse caso, a palavra “acomodação”, além de retomar os escritos de Marlyse Meyer, é uma forma de referir-nos ao conceito de “transferência cultural”⁴ (Espagne e Werner, 1988, com outras publicações após). Pensando no romance-folhetim, assunto deste artigo, é a própria transferência que aparece como um novo objeto, eliminando-se assim a ênfase sobre diferenças, entendendo que se deva considerar o *processo* na análise em detrimento da sincronia, equilibrar os polos, pensar que as trocas entre duas ou mais culturas devem ser estudadas a partir da conjuntura que encabeça a transferência, e não definir autenticidade para um dos lados.⁵ No caso do romance-folhetim, já na viagem de um a outro espaço, esse bem cultural começa já sua transformação. A instalação dos folhetins traduzidos no rodapé dos jornais brasileiros foi precedida do imaginário desse espaço no contexto de um jornal escrito em português.

Interessa-nos conhecer algumas das modificações funcionais e das características do *bas de page/rodapé* e, nesse sentido, apresentamos impressões sobre as “acomodações” das modificações literárias nesse espaço poético delimitado pelo traço horizontal que o separa das notícias. Nesse caso, entram os romances-folhetim franceses e os novos romances escritos pela sua tradução para o folhetim brasileiro, assim como pelos critérios de publicação adotados aqui no Brasil do XIX.

Três romances de um mosqueteiro

Publicado no Brasil pelo *Jornal do Commercio* entre 19 de setembro de 1851 e março de 1852, o folhetim de Alexandre Dumas *Deus Dispõe* não traz o nome correspondentes à cada uma das partes do romance-folhetim publicado em *L'Évenement*, de junho de 1850 a

² Marlyse MEYER, *op. cit.*, pp 33-34.

³ *Idem ibidem*.

⁴ Espagne e Werner, *Les transferts-culturels franco-allemands*, 1988, e publicações posteriores.

⁵ *Idem ibidem*, pp. 25-26.

junho de 1851. Concentramo-nos aqui na primeira dessas partes, *Le trou de l'enfer/O buraco do inferno*. Teria sido de fundamental importância a não omissão desse subtítulo do romance, que aparecia sempre com bastante destaque no folhetim francês. Inclusive, o próprio Dumas, ao publicar *Dieu Dispose* em livro, logo depois de tê-lo feito no suporte que acolhia o romance-folhetim, deu como título, ao primeiro volume, *Le trou de L'enfer*, o que se repete até as edições atuais do romance. Assim, o romance dumasiano *Le trou de L'Enfer* corresponde à primeira parte do romance-folhetim publicado em *L'Évenement* e as outras três partes formam o romance *Dieu dispose (Le chateau double, Les coulisses d'une révolution e Mine et Contre-Mine)*. Voltando ao que corresponderia à primeira parte do folhetim, a tradução brasileira de *Le Trou de l'Enfer* encerra-se dia 16 de novembro de 1851, mas o público não chega a saber disso, pois lia continuamente “*Deus dispõe*”, há quase dois meses, sem conhecer suas subdivisões originais, como vimos.

Em geral, a tradução desses romances é bastante colada ao original, salvo a já mencionada omissão de títulos. Os nomes das personagens são “aportuguesados”, o que era absolutamente comum na época. Machado de Assis chamou de *Oliveiro Twist* sua tradução parcial do romance de Charles Dickens. No entanto, uma mudança de nome chama a atenção: Christiane é Christina. É evidente que o segundo nome era muito mais comum no Brasil da época e a alteração poderia ser feita sem retirar-se o valor alegórico advindo do nome em francês, pois ambos significam “a que foi ungida por Cristo”. Voltaremos ao assunto. Já a uniformização do título do folhetim pede maior reflexão, e imediata. Certamente, ao iniciar a publicação de “*O buraco do Inferno*” como “*Deus Dispõe*”, o jornal já tinha a ideia de publicar a continuação da história, a segunda parte do romance. Assim, se *Le trou de l'Enfer* saísse com o nome original, *O Jornal do Commercio* poderia causar a impressão de maior diversidade para os folhetins que publicava, de onde se conclui que essa preocupação não era obsessiva para o *Jornal*.

Mas para a análise da sequência de romances, o nome da primeira parte, assim como os das outras três, tem muito a dizer. “O buraco do Inferno” é o nome do abismo ao lado do qual param dois rapazes amigos, Julius/Júlio e Samuel, numa noite de tempestade. Ambos eram estudantes e viajavam para chegar a um encontro da sociedade secreta *Tugendbund*, à qual pertenciam, que lutava pela libertação do povo alemão à época das conquistas napoleônicas. Samuel (do hebraico “shamu’ El”, “o que vem de Deus”), por suas ações nos romances, ou contradiz ironicamente seu nome, ou lembra todo o tempo ao leitor a história bíblica de que também o mal proveio de Deus. Nesse caso, em uma época tão conturbada politicamente na França por causa do golpe que criou o Segundo Império, sob a mão de ferro de Luis Napoleão Bonaparte, Napoleão III, seria, no mínimo curioso pensar no sentido dessa, entre outras, ironias de Dumas. Mas voltando a Samuel, conhecemo-lo rancoroso, invejoso, vingativo. Quando se sente rejeitado por Christiane/Christina — que entrará logo na história, uma vez que Julius/Júlio se apaixo-

nará pela moça, será correspondido e se casará com ela —, em detrimento da felicidade do amigo e da moça, Samuel passa a persegui-la. Ele forçara sexualmente a pastora de cabras que os havia acolhido na noite de tempestade tenebrosa, na qual se encontravam ambos os rapazes em perigo ao lado do “buraco do inferno”. Na sequência, com a ausência do marido de Christiane, que fora obrigado a fazer uma viagem, Samuel fez com que a moça escolhesse entre seu corpo/alma e o filho pequeno. A criança ficara doente e ele prometeu sua ajuda em troca do amor físico da mãe desesperada. Sem muitas opções, ela se entrega ao rapaz, engravida e, ao final das contas, morre-lhe o filho.

Toda essa tragédia de tom aparentemente maniqueísta terá seu desfecho na quarta parte do romance, *Mine et Contre-Mine*, em que encontraremos o final sombrio das histórias dessas personagens, dezenove anos depois. As complicações de acontecimentos e sentimentos são tantas que no penúltimo capítulo, o narrador escreve:

Et le Satan se dit, à cette heure solennelle :
 “Ah ! décidément, est-ce qu’il y aurait quelque part une force et une justice supérieures aux nôtres? Est-ce que vraiment Dieu dispose?”⁶

Como sabemos, no final do romance, desmonta-se completamente a aparente ingenuidade dos antagonismos do primeiro, principalmente a do bem contra o mal e suas relações com o ser humano e a vida em sociedade. Então, se no fim da narrativa, as personagens e Satã (alegoricamente) chegam a duvidar das disposições de Deus, teria sido ainda mais importante não mudar o nome da primeira narrativa na publicação brasileira. Em *O buraco do Inferno* é evidente que as oposições são muito significativas, mas esse efeito fica bem atenuado com a substituição do título, pois, no todo, a história começaria no “buraco do inferno” e terminaria com a dúvida na existência de forças maiores e de Deus.

Temos aqui constatações de interesse para compreendermos a forma como foram lidos esses romances no *Jornal do Commercio*, principalmente analisando a relação entre texto literário, tradução literária e suporte material desses textos no Brasil do século XIX⁷. Por que a leitura acima sugerida é negada ao público brasileiro? Censura por causa da religião católica? Hábito de leitura, por parte do público, de folhetins mais longos? Possivelmente não para a primeira hipótese, embora o nome “Christina” fique mais próximo visual e fonicamente de “Christo”; com certeza não para a segunda hipótese, pois o jornal está recheado de folhetins breves. Ainda em relação à primeira hipótese, é menos certo que houvesse uma censura institucional do que a pressuposição por parte do proprietá-

⁶ “E Satã se pergunta nessa hora solene:/ Decididamente, será que haveria em algum lugar uma força e justiça superiores à nossa? Será que realmente Deus dispõe?”. O romance é citado a partir de fonte on-line www.dumaspere.com, consulta em 20 de abril de 2009.

⁷ Roger CHARTIER. *Práticas de Leitura*, 1996.

rio/edidor do jornal, ou do tradutor, daquilo que agradaria o público, ou, ainda, do seria melhor para ele. E dessa forma, em um país católico, suprimir o destaque da palavra “inferno” e dar mais identidade cristã a uma personagem seriam recursos que, entre outros, pressuporiam, ao mesmo tempo em que compeliriam, algum tipo de recepção por parte do público leitor brasileiro.

No processo de transferência, os romances adquirem na versão brasileira matizes mais fortes da moral católica do que tivera, certamente, na França, mas, em contrapartida, essa leitura brasileira possibilita-nos um olhar apurado em relação à ironia crítica de Dumas nesses seus dois romances “menos importantes”, uma vez que, ao colocar em relevo conceitos contraditórios do catolicismo, cria-se certa complexidade para os antagonismos aparentemente ingênuos e sem questionamento que poderiam, em outros romances, ocupar os rodapés em forma de romance-folhetim. Ungidas por Cristo ou enviadas de Deus, as personagens de Dumas em questão portam-se humanamente em seus caminhos, apresentando todas as contradições do homem e aniquilando a opção de escolha completamente coerente para eles e para o público.

Outras diferenças entre a publicação francesa e a brasileira desses folhetins chamam-nos a atenção e, nesse sentido, gostaríamos de levar mais adiante a reflexão sobre a forma como se lia a literatura no século XIX brasileiro. Em relação à distribuição dos capítulos, nos dois romances sobre os quais viemos falando, ela ocorre, de forma geral, da mesma maneira como aparecia no jornal francês: um capítulo por dia, o que corresponde, geralmente, ao espaço do folhetim da primeira e da segunda páginas do jornal. Mas pode ocorrer, por exemplo, que um capítulo mais longo apareça em apenas uma página, onde o folhetim é mais extenso. Nesse caso, chama-nos a atenção a oscilação de altura do espaço do rodapé. Nos dias de publicação de um capítulo em um folhetim (também às vezes quando o folhetim ocupa duas páginas) observamos uma incrível variação de quantidade de texto. Por exemplo, em 14 e 15 de outubro, o folhetim tem 45 linhas de altura contra apenas 31 linhas em 16 de outubro, o que faz alguma diferença multiplicando-se o resultado por seis colunas. No folhetim francês, não ocorrem variações tão grandes de quantidade de texto e é preciso que nos perguntemos o que isso significa.

Como uma espécie de diário oficial de grande parte o período imperial brasileiro, o *Jornal do Commercio* recebia dinheiro do Império, o que quer dizer que não sobrevivia apenas de assinaturas. Havia assim uma priorização do noticiário político e comercial e o folhetim seguia, antes de tudo, esse ritmo. No jornal francês, esses folhetins foram cortados em dois *bas de page*; aqui, o aumento e diminuição do número de linhas e a publicação do folhetim em apenas um rodapé apontam para modificações nos cortes e, consequentemente, nos efeitos previstos para a leitura. Ainda, por razões editoriais e tipográficas, ou de acordo com a quantidade de informação que o jornal precisasse veicular, principalmente aquelas vindas da parte do governo (as transcrições dos debates das câmaras, de-

cretos e toda sorte de papéis oficiais), espremia-se o folhetim no *Jornal do Commercio*. Com certeza, esse novo efeito elástico para o romance no jornal brasileiro criava novas situações de leitura, como veremos.

Um exemplo vem com uma organização especial do espaço do romance-folhetim. Em algumas ocasiões, ele se segue ao folhetim de variedades. Isso não ocorre muitas vezes, mas pode acontecer, o que já nos demonstra que o espaço que cabia a cada tipo de folhetim não era bem delimitado, pelo menos nessa época. Se o folhetim de variedades tinha bastante assunto, ocuparia toda uma edição do jornal, como em 17 de outubro, sobre o teatro lírico. Caso contrário, “emendavam-se” dois folhetins, como em 1^o de novembro e outras ocasiões. No início de novembro, isso se dá da seguinte maneira: o folhetim-variedades, muito irônico em relação ao teatro lírico, ocupa cinco colunas e meia do primeiro rodapé e “espreme” o romance, que continua na segunda página:



Jornal do Commercio, 1^o de novembro de 1851, p. 1, rodapé

Nesse dia, pela primeira vez na história da publicação brasileira de *O buraco do Inferno* — *Deus dispõe*, quebram-se os cortes originais da narrativa. Publica-se, a partir do fim da penúltima coluna da primeira página, todo o capítulo LVII, “Esposa e mãe” e metade do capítulo LVIII, “A noite da partida”, até o final do rodapé da segunda página. É evidente que o segundo capítulo em questão não chegaria a ser publicado na íntegra já que o romance precisaria ceder espaço. Assim, o jornal aproveita um corte no folhetim original, uma linha de pontos que separa duas metades do capítulo “A noite da partida”, para fazer o corte. Esse corte que corresponde original tem um efeito importante em termos de leitura, pois oblitera a forte sensação de suspensão e passagem do tempo, sentimentos

ligados ao estado de angústia da personagem Christina nos capítulos aos quais nos referimos aqui, já que ela se havia colocado contra a partida do marido Julio para Nova York, onde ele iria para resolver um problema de família. A primeira metade do capítulo “A noite da partida” encerra-se com a linha de pontos que se segue a um diálogo tenso entre os cônjuges. Então, no *Jornal do Commercio*, distanciaram-se em vários dias as partes do capítulo, aproveitando-se para o corte justamente a linha em questão, o que muda completamente um efeito importante para o desenrolar das narrativas, já que, no início da segunda parte do capítulo, Christina acorda assustadíssima durante a noite e descobre assombrada que o marido, não só havia partido para Nova York, mas também traíra a promessa que lhe fizera na noite precedente: deixar-se acompanhar pela esposa na parte terrestre da viagem. Ele partira sem se despedir ao menos. Desespero, discussão, linha de pontos. Linha de pontos, desespero e decepção. Tudo isso misturado no mesmo folhetim, sem a fórmula “continua” que adiaría a segunda parte do capítulo por quatro dias, intensifica ambas as situações em questão para a personagem Christina. Na publicação brasileira, esses efeitos se enfraquecem, pois o final da discussão entre Christina e Júlio — e a linha de pontos — ficam no folhetim de 1^o de novembro, enquanto a consciência da partida de Júlio, quando Christina acorda, só se dará dali a quatro dias, como dissemos, no folhetim de 5 de novembro.

Dessa forma, quando analisamos questões ligadas à ocupação do espaço, fica evidente que duas tipologias textuais que compartilham o mesmo rodapé perturbam a publicação uma da outra, nesse caso, principalmente a do romance-folhetim. Certamente, o público brasileiro sofreu e indignou-se menos quando Cristina acordou e se deu conta da atitude covarde do marido. A presença da crônica de variedades empurra o romance-folhetim algumas colunas para frente e desorganiza sua estruturação e efeitos.

Dessa vez, a medida flexível do espaço não é relativa à altura do folhetim (número de linhas), mas, contrariando as leis da física, dois corpos justapõem-se no mesmo espaço sem que possam realmente compartilhá-lo, a não ser que pensemos que nessa coabitação, e com o perdão da comparação prosaica, tal qual num bom casamento, ambas as partes se misturam e se guardam ao mesmo tempo. Daí vem a ideia de que os folhetins de crítica, variedades, romance, entre outros, fundiram-se em suas características ao sul do Equador e pode ser que isso seja um dos lugares a partir dos quais tenha surgido a moderna crônica, praticada no Brasil pela maioria de nosso escritores, na qual notícia, análise, comentário e elaboração ficcional se fundem de uma forma peculiar.

Em seu livro sobre o folhetim, Marlyse Meyer fala várias vezes dos “Condes de Monte-Cristo”, o francês e o brasileiro,

(...) o sucesso [de *Monte Cristo*] é tal e a pressa em traduzir é tanta que a publicação antecede a chegada do paquete. Lê-se no *Jornal do Comércio*, de 13 de agosto de 1845:

Somos obrigados a suspender hoje a publicação de *O conde de Monte Cristo* por não ter chegado ainda de Paris a continuação deste folhetim. Durante esta forçada interrupção, publicamos a *Alameda das Viúvas*, folhetim de um gênero diferente do Conde de Monte Cristo, mas que em nada lhe cede em interesse e movimento» (citado Meyer, 1996, pp. 287-288. Precede a publicação de *A alameda das viúvas* no folhetim do *Jornal do Commercio* de 13 de agosto de 1845).⁸

<p>Folhetim do Jornal do Commercio DE 13 DE AGOSTO DE 1845.</p> <p>Somos obrigados a suspender hoje a publicação do Conde de Monte-Cristo, por não ter chegado ainda de Paris a continuação deste folhetim. Durante esta forçada interrupção, publicaremos a Alameda das Viúvas, folhetim de gênero diferente do Conde de Monte-Cristo, mas que em nada lhe cede em interesse e movimento.</p> <p>A ALAMEDA DAS VIUVAS, POR CHARLES BAROD. PROLOGO. I.</p> <p>Nas nove ou dez horas de uma fria noite do mês de Janeiro de 1804, um rabeca e um clarinete da orchestra do celebre Caffè de Ceges em Paris, acabada a sua tarefa; tratava-se de recolher-se ao domicilio que devia á caridade publica no hospício nacional dos <i>Quinze vintes</i>. O rabeca abanava-se Miguel, e o clarinete Corniquet. De braços dados, descansando um no outro, com as mãos unidas, lheriga para diante, com as pernas um tanto tremulas e alta a cabeça; isto, sem guia, para a outra extre-</p>	<p>midade de Paris, confiados na Providencia que de ha muitos annos tinha preservado de todo o perigo suas nocturnas peregrinações, e confiados tambem na innocencia do ego, que logo que se achá no caminho que lhe é familiar, corre muito menos risco de perder-se do que muitos que tem a melhor vista.</p> <p> Ao sair do Palacio-Real ou Palacio do Tribunaes, como então se dizia, os dous musicos enfiavao pela rua de St.-Honorato, e dali, por uma travessa que se prolongava quasi em linha recta, chegavao á praça da Bastilha, dando, em quatro passos, estivo no seu domicilio, rua de Charpentier n. 38.</p> <p>Deliciados na sua pilada de tabaco, nunca esquecido, ao sair do seu antro musical, fazer alto no celebre armazem do Aloncor; já então de posse da fama que á vista hoje goza.</p> <p>Sufficientemente abastecidos as suas vastas caixas, depois de haverem motejado um pouco com a mercadoria de tabaco, recominando-lhe que medisse como para frequeres; proseguio elles o seu caminho, quando, mal chegados á praça do Palacio-Real, perceberão que ahí reinava insólita agitação e movimento.</p> <p>Ao longe ouvião um rumor confuso, tropel de gente que, apressada por ao pé delles passava toda na mesma direcção; quasi ao mesmo momento um spar de ferros (qual o que produz a artilheria quando a fazem rolar sobre calçada) e quasi immediatamente depois obstaro-lhes a passagem um corpo de força armada, a sua consideravel.</p> <p>Temo-ho travada, disse Miguel, ahí temo-ho povo amolnado que desce dos arrebaldes.</p> <p>— E achas que fazem mal? disse Corniquet que era um patife de direita. De tanta felicidade goza este povo!</p> <p>— Em breve porém, ouvindo uma conversação travada ao pé delles, souberão os nossos dous atterrados que o que tinham tomado por peças de artilheria erão bombas de incensório. Finha pregado fogo em uma casa de licéres da rua de St. Honorato, canto da-rua de Pedro I.escot.</p> <p>A casa incendiada achava-se justamente no seu caminho, e, attento o grande barulho que reinava no bairro, o dous-tre parecia ser consideravel. Era portanto provavel que a rua</p>
--	---

(*Jornal do Commercio*, 13 de agosto de 1845, folhetim, p.1)

De fato, *A alameda das viúvas* continuou a sair até o fim, em 24 de setembro de 1845. Nos dias seguintes, encontramos folhetins breves e de variada tipologia, o que chama a atenção para o fato de estar o *Jornal do Commercio* em compasso de espera. Finalmente, em 28 de setembro, o conde de Monte Cristo reaparece e o capítulo “O almoço” nos situa na terceira parte do romance. Houvera uma interrupção de quase dois meses, pois a segunda parte do *Conde*, publicada no *Journal des Débats* de 28 de setembro a 18 de novembro de 1844, havia sido traduzida e publicada no Brasil pelo *Jornal do Commercio* até

⁸ Marlyse MEYER, op. cit., p. 61.

12 de agosto, um dia antes do aviso que precede o início da publicação da *Alameda das viúvas*.

Como se sabe, também o público francês conhecera uma interrupção longa entre a segunda e terceira partes desse romance, principalmente pelos vários compromissos de escrita assumidos por Dumas. Mas a terceira parte do *Conde* recomeçara no *Journal des Débats* em 20 de junho e, nesse caso, é preciso refletir sobre a interrupção brasileira.

Se fosse verdade que o folhetim ainda não havia chegado de Paris (mas em praticamente dois meses era possível chegar), seria normal interromper o *Conde* para começar a publicação de outra história. Nesse caso, poderíamos ainda nos perguntar se era preciso a publicação de uma história longa como *A Alameda das viúvas*, enquanto o público aguardava o *Conde*. Observamos aqui que, apesar da publicação de textos longos, os jornais brasileiros traziam também, frequentemente, textos curtos, os quais não se assemelhavam às vezes às formas admitidas pelo folhetim: poemas, histórias de ficção bastante curtas e mesmo a crônica política que se fundia um tanto ao artigo de variedades, a qual praticamos nos jornais brasileiros desde muito cedo no século XIX. É preciso também considerar que uma vez que os jornais franceses tivessem chegado, ainda era necessária a tradução do folhetim, o que demandava algum tempo, mas não muito, pois os capítulos iam sendo traduzidos pouco a pouco.

Apesar de tudo o que apontamos acima, podemos afirmar que o *Journal do Commercio* escolhera uma política prudente em relação a essa publicação intermediária entre as duas partes do *Conde*, respeitando o público leitor ao terminar a publicação do romance-*intermediário* sem interrompê-lo.

No entanto, é o próprio *Journal do Commercio* que nos induz a uma investigação sobre a possibilidade de uma manipulação discreta da ordem das leituras do público. Durante a publicação de *A alameda das viúvas*, os anúncios do livreiro Garnier na página 4 do *Journal* oferecem quase exclusivamente um livro: *Le juif errant*. De vez em quando, oferecem também o quarto volume do *Conde*, que correspondia ao final da segunda parte (cada uma das partes ocupava dois volumes quando publicadas na forma de livro). Mas no mesmo dia da retomada da publicação do romance de Dumas, ou seja, em 28 de setembro de 1845, esse enorme anúncio em que a livraria e editora oferecia ao público as duas primeiras partes completas do romance, no número 65 da Rua do Ouvidor, endereço da casa comercial de Garnier, significa, sem dúvida, algo importante. O anúncio em si tinha quase o tamanho do rodapé destinado ao romance-folhetim, como podemos ver pela imagem abaixo:

partes do romance chegassem até a casa comercial de Garnier? Qual é a relação que está escondida entre a aparição concomitante do romance em jornal e no livro?

Para uma resposta certa, é preciso ainda entender completamente mecanismos como o da comercialização dos romances na forma de livro por Garnier. O anúncio tão chamativo desperta, ainda, a atenção para uma segunda reflexão: prever a publicação de folhetins e livros concomitantemente (dos mesmos romances, mesmo se em partes diferentes) criava duas situações de leitura para o romance: ágil e cheia de ansiedade para o folhetim; do lado do livro, é difícil de adivinhar, mas essa leitura era certamente mais contínua, embora não necessariamente tão instigante e envolvente. Ou, pelo contrário, o leitor do livro, que deveria ele próprio interromper sua leitura, poderia, por sua vez, sentir bastante fortemente a angústia do corte. Além disso, a possibilidade da leitura/segunda leitura dos episódios anteriores de um romance (em livro), simultaneamente ao seu prosseguimento (em folhetim), poderia alimentar a imaginação do leitor, que recuperaria os detalhes das ações e situações que precederam as do folhetim que ele lia dia após dia. E, nesse caso, estaríamos diante de uma recuperação de efeitos produzindo efeitos outros para determinadas situações de leitura.

Como podemos observar, há ainda muito o que se estudar para bem compreender qual a relação entre o livro e o jornal e o que ela determina em relação aos romances e à leitura deles no Brasil do XIX. Por enquanto, essa pesquisa continua a partir da observação e análise da elasticidade das formas literárias criadas no espaço da imprensa cotidiana do XIX, entre elas, o romance. No rodapé dos jornais, os textos, quaisquer que fossem sua tipologia, tinham três pontos de distensão e contração: o tempo que precisa esticar ou compactar, pois a rubrica é periódica; a porosidade entre as rubricas⁹ (Thérenty, 2007); o espaço exterior ao jornal, ou a relação entre as rubricas e o espaço público. E assim o *bas de page*, esse espaço fagocitário por natureza e, entre nós, fagocitário à brasileira renascia transformado no processo de contato entre as imprensas francesa e brasileira no XIX.

Abstract: This chapter investigates the adjustments made in texts originally published in the *bas de page* of French periodicals so that they could be published in translation in Brazilian newspapers. The *bas de page* (*rodapé*, in Portuguese) was the space delimited by a horizontal line that split up the bottom and the top of a page in many 19th-century newspapers. It will discuss the publication criteria, the plot modification, and the creation of new characters in the process of recreation of those French texts to be published in Brazil. It will also discuss the role the *bas de page* played in the development of the journalist genre “crônica” in Brazil. Questions concerning the “space” are the main concern of this chapter. There were lots of attempts to make the Brazilian *bas de page* more pliable: two texts of different genres shared the same space; the number of lines in the *bas de page* was flexible to enable the publication of different types of texts — critical, fictional, *fait divers* — all

⁹ Marie-Ève THÉRENTY, *La Littérature au quotidien*.

of them having played an important role in the development of the *crônica*, as a literary genre, in Brazil.

Keywords: Literary Genres. Literature and Journalism. Alexandre Dumas.

Referências bibliográficas:

CHARTIER, Roger (dir). *Pratiques de la lecture*, sous la direction de R. Chartier. Marseille: Rivages, 1985.

ESPAÑE, Michel. Les transferts culturels franco-allemandes. Paris, PUF, 1999.

ISER, Wolfgang, *L'acte de lecture : théorie de l'effet esthétique* (trad. de Der Akt des Lesens par Evelyne Sznycer), Bruxelles, Mardaga, coll. « Philosophie et langage », 1985. Traduction en Portugais du Brésil: *O ato de leitura: teoria do efeito estético*. 2 vols. São Paulo : Editora 34, 1996-1999.

MEYER, Marlise. *Folhetim*. Uma história. São Paulo : Companhia das Letras, 1996.

THÉRENTY, Marie-Eve, *La Littérature au quotidien. Poétiques journalistiques au XIXe siècle*, Paris, Seuil, 2007.

THÉRENTY, M-E. et VAILLANT, A (dir). *1836, L'an I de l'ère médiatique*. Analyse littéraire et historique de *La Presse* de Girardin, Paris, Nouveau Monde, 2001.

Sites:

www.dumasere.com. Consulta em 20 de abril de 2009

www.gallica.bnf.fr. Consulta em 2 de julho de 2009.

Fontes Primárias:

Jornal do Commercio, anos de 1845 e 1851. Consultado no Arquivo /Edgar Lëunroth, IFCH, UNICAMP.

L'Évenement, anos de 1848 a 1851, consultado na Bibliothèque Nationale de France.